

FIALHO DE ALMEIDA E JOÃO DO RIO: PORTUGAL ENTRE RESENTIMENTO E FASCÍNIO

Luci Ruas*

Olhai, Senhor, esta Lisboa de outras eras!

Para começar, gostaria de citar Vítor Manuel Cunha Viçoso: “Fomos, pois, um povo que viveu, desde os fumos da Índia, sob o peso duma imagem defunta. Um povo-sombra que atravessou os mares, conquistou um efêmero império brumoso e se disseminou em busca da pátria imaginária.”¹ Assim é que se constrói a História de Portugal, entre *queda, expiação e redenção*. Uma morte prematura determinaria o vão desejo de querer renascer. Daí a fácil tendência para as imagens da decadência, poeticamente criadas por Cesário Verde no *Sentimento dum ocidental*, ou nos por demais conhecidos versos de Álvaro de Campos: “Pertencço a um género de portugueses / Que depois de estar a Índia descoberta / Ficaram sem trabalho. A morte é certa.”²

* Universidade Federal do Rio de Janeiro/Universidade Gama Filho.

1 VIÇOSO, V. M. C. *A máscara e o sonho* – vozes, imagens e símbolos na ficção de Raul Brandão. Lisboa, 1987. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa. Policopiada, p. 53-54.

2 PESSOA, F. Opiário. In: _____. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1972. p. 304.

É com essas imagens que pretendemos trabalhar, ao nos debruçarmos sobre o texto de Fialho de Almeida, sem dúvida um sagaz observador da cultura finissecular portuguesa, o olhar de dentro, em que ressalta essa paisagem *fin-de-siècle*, caracterizada, segundo Raul Brandão, em suas *Memórias*, por uma linguagem em que predomina o pictórico e a transfiguração, que “transformou tudo, engrandeceu tudo, riu-se de tudo.”³

Contrastando com esse olhar de dentro, um outro olhar, saído do Brasil em 1909, porque viajar era fundamental ao homem que se quer socialmente aceito e reconhecido, mas que se apaixonaria pela terra dos “egrégios avós”. Referimo-nos a João do Rio, o dândi carioca da *Belle Époque*, que nessa viagem se apaixonou sinceramente por Portugal. Isto num tempo em que, a pretexto do progresso, da consolidação da identidade nacional e da modernidade, grassava ainda no Brasil o antilusitanismo, provocado e alimentado pelos jornais nacionais, legitimado pelas autoridades e posto em prática pela população que vivia a crise econômica do início do século e a dificuldade de emprego. Para todos esses (embora houvesse exceções), Portugal – e, por conseguinte, a colônia portuguesa no Brasil – era sinônimo de atraso, exploração e impedimento à civilização.⁴

Nascido na segunda metade do século XIX, Fialho de Almeida tem, no período que se inicia depois da crise social e política da Europa à roda de 1870, o seu período de formação literária. “Boémio esteta” e “talentoso ressentido”,⁵ segundo Óscar Lopes, para destacar a sua vocação de dândi finissecular, a um tempo antipático à aristocracia e àqueles que nela vivem (e não titubeia em pôr em destaque o que nessa aristocracia é decadente do ponto de vista moral, econômico e social) e seduzido pelo que nessa aristocracia ainda de pode vislumbrar de distinção e grandeza, Fialho é talvez a expressão mais bem talhada desse período que medeia a geração de 70 e o acordar do século XX, quer como contista que se revela um adepto do chamado “naturalismo científico”, quer como manifestação do impressionismo e/ou do expressionismo que se manifestam nesses contos.

Em *A cidade do vício*, que vem a público em 1882, na *Sinfonia de abertura*, já se podem perceber algumas das tendências que caracterizam o ponto de vista do narrador (e, por extensão, o do autor) em relação à cidade onde vive (embora lá não tenha nascido):

3 BRANDÃO, R. *Memórias* – I. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. p. 63.

4 RIBEIRO, G. S. Antes sem pão do que sem pátria. O anti-portuguesismo nos anos da década de 1920. In: CONVERGÊNCIA LUSÍADA. *Brasil e Portugal: 500 anos de enlances e desenlaces*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2001. v. 2, p. 147-162. p. 148.

5 LOPES, Ó. *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. v.1. p. 176.

Insuportável, em Lisboa – o termômetro subindo sem atender a súplicas, subindo e putrefazendo tudo, os despojos subterrâneos e a frescura das mulheres, a carne de venda a retalho e a carne de aluguer, os artigos dos jornais diários e os artigos alimentícios. Em Lisboa transpira-se muito, pela pele e pelos criados. E às vezes, sob o influxo de uma hora de sol ou publicidade, qualquer pessoa se arrisca a ficar com a roupa alagada, e com a reputação em fanicos.

Com a sutileza de um esteta e a ironia do fino observador, o narrador atribui ao calor o poder de putrefação que atinge tanto os alimentos e dejetos, quanto, metafórica e sarcasticamente, as notícias de jornal e as reputações. A sociedade vive o seu tempo de decadência, de degenerescência, de vício. Mais adiante, afirma o cronista que “nem gelados nem discrição logram atenuar-lhe [ao calor] os ímpetos.” E acrescenta: “É sofrer ou partir. Eu parti.”

Subtraindo-se ao sofrimento que deriva de todo esse ambíguo “calor” que atinge a cidade, o narrador explicita a sua condição de *flâneur*, de viajante que visitará outras paragens, com o olhar atento a passear pela paisagem social e humana, quer ao sabor da estética naturalista, evidenciando os sinais de degenerescência da aristocracia lisboeta, revelando um mundo onde a perversão se sobrepõe à conservação dos valores morais, onde, como aponta Óscar Lopes, “a corte do vício sobressai muitas vezes num fundo de luxo”,⁶ quer ao sabor de uma estética simbolista e expressionista, que muitas vezes chega ao pesadelo e à fantasmagoria.

“Lisboa velha e Lisboa nova” – crônica de abertura de *Lisboa Galante* –, registra duas visões da cidade, auxiliando-nos na tarefa de pôr em evidência os contrastes existentes na arquitetura, no planejamento urbano, na vida social, em notações que evidenciam as disparidades econômicas, sociais e culturais, embora não nos impeçam de perceber de modo subjacente os problemas que ameaçam a Lisboa aristocrática de um processo de arruinamento inevitável.

Em “Lisboa velha e Lisboa nova”, o narrador revela-se um profundo conhecedor da cidade. Lisboa é a “cidade de frades, beatas, desembargadores, soturna de noite, reentrando em becos (...) com lendas de fadistas que enchem a província de pânico e de epilepsia a prosa dos jornais.” Ruas estreitas, prédios altos e irregulares, portais sem portas, janelas sem vidro, pequenos jardins em varandas decrépitas, roupas penduradas nas sacadas, lojas em “desordem furiosa

6 LOPES, op. cit., p. 179.

de mil coisas”, “cheiro de ratos, de queijo assado, de roupas velhas”. A Lisboa velha é a cidade do “velho palácio brasonado; desconforme como os mausoléus de Tebas, quadrado, derruído, singular de velhice e majestade”, a cidade que não abandonou a tradição, que crê em milagres. A cidade ergue-se em sua antigüidade decadente, que deixa bocas escancaradas em lugar de portas e “ideais carunchentos nas mentes” passadistas. E é essa cidade que ele um dia resolve deixar para, à maneira de um Eça de Queirós, ir ter ao Oriente, onde tem a oportunidade de conhecer o diferente: visita desertos, encontra camelos e dromedários, estes últimos insignificantes, como ele mesmo afirma, se comparados aos da terra pátria, uma sarcástica e pouco respeitosa referência aos homens que freqüentam a Rua do Ouro e a câmara, numa cidade que é um verdadeiro “jardim zoológico”.

A viagem ao Oriente dura o tempo necessário à transformação da cidade de Lisboa, cuja ruína até então descreve. A velha Lisboa cede à nova, por febre de grandeza. O estilo perde o caráter “pesadão, medieval, que antigamente era bom gosto”. Aparece a casa moderna, ao gosto de Paris. Ao excesso que, para Fialho, caracteriza em tudo os portugueses, sucedem-se as “ligeiras coisas d’ arte”.

Assinala, ainda, outras mudanças, além das que transformam as velhas casas em novas, onde se esbanja luxo, casas de janelas altas e retas, iluminadas e leves, de escadas largas e belos vitrais. A detalhada observação do cronista aponta para uma revolução que não atinge apenas as residências, mas os costumes, os tipos e os prazeres. Para ele, pelo menos na aparência, ou a título de irônica observação a ser logo desfeita, “em todos os actos sociais a publicidade destruiu os privilégios, corrigiu os abusos, e esmagou os vícios de séculos” (*LG*, p. 26).

A cidade parece libertar-se da fama de “uma terra clássica de mulheres feias”, livrando os salões (e o afirma sem qualquer escrúpulo) das que faziam o tipo da “Vênus barbuda, Vênus porco espinho”, ainda que assinale criticamente que essa beleza não ultrapassa a aparência; é exterior, rapidamente transformando-se “nas peles de galinha d’uma velhice precoce”.

Sem qualquer traço de idealismo, ou da utopia social de um Proudhon, a crônica da cidade e da sociedade lisboeta conforma-se como expressão naturalista, mas em que já se distinguem os traços da estética decadentista. Na breve frase final da crônica, um convite para “voltar a folha” empurra-nos mais para dentro da vida da cidade, do seu burburinho humano.

Os testemunhos que se seguem nos contos/crônicas, apontam para o lado negro da cidade, o que se esconde sob a aparência das “cocottes” e dos dândis da época, dos ministros e mais seres humanos, ricos ou miseráveis,

verdadeiros fantoches nessa sociedade que se moderniza, caracterizada como “antro e despejo aberto aos rodilhões do vício, da miséria e da fome” (LG, p. 34), onde empresários, sem qualquer escrúpulo, praticam o seu quinhão de humanismo, multiplicando as casas de penhores. A rua de onde narra resume-se à expressão “Exótico bazar de torpeza!” Um “café soturno abre para aquela rua suspeita umas portinholas misteriosas”. Desfilam os dândis, ostentando a “face próspera” e desperdiçando a herança do pai falecido. Os agiotas administram os bens vendidos em troca das letras vencidas e não pagas. O lupanar ergue o seu monumento à decadência que envolve mulheres pouco mais que crianças. Vítimas sedutoras da moda que leva à cobiça, ao gasto desenfreado, mulheres se vão desqualificando, entregues aos prazeres dos bares e do corpo.

Como fantoche, para lembrar a personagem do conto “Fantoche”, o homem da cidade transforma-se em: “cão gastralgico e rechonchudo que se associa às más companhias”, nesse “desgraçado paiz onde tudo se vende e se compra”, mas de muitas “relações”, educado “como de costume, na perversão e no desrespeito”, transformado em “*dandy* altivo, sobrio de gestos, e de proposito arrastando os *ss* e *d*’ uma perna, trasmutado de “republicano e desordeiro” em simpatizante das “effusões monarchicas”, apaixonados por colleiras ornadas, xaireis de seda, bengalas e gravatas espaventosas. Desejado pelas “mamãs”, seguido pelos repórteres, mostra o seu “humour”. Depois de desprestigiado, vai para a Abegoaria. O remate do narrador é sarcástica e dolorosamente realista, numa crítica aguda à política lisboeta: desaparecido o “Fantoche”, Lisboa se transformaria em “deserto tenebroso”. (LG, p. 319)

Admirador incondicional de Fialho de Almeida, que conheceu em Lisboa na viagem de 1909, a quem chamava “o imprevisto esvurmador da ama de uma cidade, o maior dos instrumentalistas da prosa, o artífice capaz de transformar o peso cathedralesco de uma língua exclusivamente architetonica, e plasmal-o, e fazel-o mimo cinzelado de ouro” (PA, p. 100), e de alguma forma herdeiro dessas imagens, tanto as que constroem o edificio da galantaria, quanto as que povoam os desvãos, feitos de vício e de crime, João do Rio, premido pela idéia de que viajar é fundamental para o homem moderno e elegante, desembarca em Lisboa para uma rápida visita. A visão da cidade descortina-se diante do cronista brasileiro como uma janela aberta à novidade. Dessa viagem deixa-nos, como ele mesmo afirma e como lhe era habitual, “impressões ligeiras”, reunidas nas mais de 300 páginas de *Portugal d’ agora*, “o único livro de um brasileiro sobre Portugal, e de um brasileiro que, certo do futuro da sua patria, ama fervorosamente Portugal” (PA, p. XV). Move-o desejo semelhante àquele que demonstra nas inúmeras páginas em que apresenta o Rio de Janeiro: “... trazer uma contribuição

de análise à época contemporânea, suscitando um pouco de interesse histórico sob o mais curioso período da nossa vida social que é o da transformação atual de usos, costumes e idéias.” (VV, p. 1)

Portugal atravessa “talvez a sua maior crise histórica (...) definitiva para o seu futuro”. Por isso mesmo, os seus escritos têm uma função documental: a de mostrar a brasileiros e portugueses aqui domiciliados a gravidade dos fatos, já que “numa atmosphaera creada por muitos annos de enganos”, “sabiam vagamente” da história. Também Lisboa não conhece o Rio, afirma o cronista; por isso, imagina-o ainda tomado pela febre amarela, “mas continua a tractar com carinho os brasileiros. Seu trabalho é o resultado de um “imenso affecto” por Portugal, que deseja mostrar aos brasileiros, “numa obra de aproximação que deve ser urgente”. Temos um patrimônio comum, a língua, que deve ser preservado, apesar das diferenças, tão bem reconhecidas pelo cronista: “para Portugal a nossa maneira de pronunciar é comica (...) e os brasileiros acham muita graça no cerrado fallar luzitano. A língua é a inicial da individualização dos povos” (PA, p. 35-36), mas também é o que nos deve unir.

A cidade e suas “nevroses”, em suas múltiplas faces, abre suas portas ao viajante que certamente muito mais seduzido por Paris e Londres – pontos permanentes de referência, de comparação e de contraste –, pretende lá ficar por pouco tempo e acaba – ele mesmo o declara – lá gastando mais da metade do tempo destinado à ida e outro tanto no seu itinerário de retorno. Em seu estilo *art nouveau*,⁷ “cheio de metáforas que semanticamente denotam o brilho e o gosto pela ostentação”, a cidade desfila, não só na elegância dos salões, mas também na miséria que habita a periferia e a noite, revelando os tipos grotescos e doentios, a maledicência, a intriga, o crime, o vício.

A primeira impressão da cidade é a da sua dimensão. À primeira vista, “Nem parece que occupa tanto logar na historia. Tudo (...) tão pequenino. Quem vem de uma terra tão grande como o Brasil (...) Mas tudo com muita raiz, muito antigo.” (PA, p. 30) O cronista, cheio de vaidade e orgulho, que chega “com o sorriso complacente para a velhice da origem européa”, surpreende-se com o novo sentimento: “o enternecimento diante da paisagem”. O observador cáustico da paisagem urbana é conquistado pela cidade, num enternecimento que o acompanhará por todo o trajeto de viagem, tornando-se responsável pelos atenuantes, pela leitura eufêmica da miséria e do vício.

A hospitalidade portuguesa é inúmeras vezes evocada por João do Rio, nesse envolvimento progressivo pela paisagem humana e material da cidade,

7 SECCO, C. L. T. *Morte e prazer em João do Rio*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978. p. 30.

que nem a “vergasta rútila de Fialho, o único em quem não se pode entrar e ver tal qual foi descripto”, segundo a opinião de João do Rio, é capaz de desfazer. Em Lisboa há desocupados, mendigos a pedir esmolas, mas isso não apaga a emoção diante dos monumentos legados por séculos de história. Pouco importam as objeções lúcidas dos amigos, reiterando algumas das idéias de Fialho:

- Lisboa fascina. É deliciosa.
- Não pense que exagero. Acontece isso com todos os estrangeiros. Lisboa é historicamente a causa da decadência e do espírito desnacionalizador de Portugal. (...) Foi Lisboa que deu ao nosso paiz o virus do nomadismo, foi Lisboa que estabeleceu a nossa eterna crise agrícola com a precocidade da burguesia, a inversão dos papeis entre o commercio e a agricultura, foi Lisboa que creou a decadência de Portugal, decadência que parte da descoberta das Índias. (PA, p. 44-45)

Ao longo das páginas de *Portugal d’agora*, as objeções se multiplicam, mas o olhar deslumbrado, como gostaria de dizer Roland Barthes,⁸ não consegue ver senão romanticamente e em frenesi as imagens da cidade. Dessa forma, até os pobres lhe parecem encantadores, sem qualquer desejo de deixar Lisboa, por puro amor à cidade. O serviço de transporte urbano é “tão mau, tão sem linha e talvez tão insolente quanto no Rio” (PA, p. 53); entretanto, isso não lhe diminui o desejo de visitar a cidade à noite. Para o flanêur, não há empecilhos: ele segue a pé pela cidade que, à noite, “arde, scintilla, fulgura”, convida ao gozo. Perplexo, o visitante faz uma verdadeira apologia da virtude do gozo nessa cidade, que, se não tem o luxo de Paris, nem as grandes artérias do Rio, sabe à alegria, ao prazer, tanto no comer quanto no desfrutar das atividades culturais de que a cidade dispõe – os teatros, por exemplo –, além de poder compartilhar a beleza das mulheres, que, ao contrário das imagens talhadas por Fialho, não mudou.

Se “Portugal é o paiz da ternura”, numa espécie de construção fictícia da nação que o acolheu, a mulher portuguesa é “a urna perfeita dessa ternura; é a musa rustica daquelle luminoso sonho de paisagem, boa, doce, resignada,

8 BARTHES, R. *Fragments de um discurso amoroso*. Lisboa: Edições 70. p. 25. Barthes aponta para o deslumbramento de que é tomado diante de Paris, acentuando a cegueira que esse deslumbramento provoca. “Um ror de percepções acaba por formar bruscamente uma impressão deslumbrante (deslumbrar é, afinal, impedir de ver de dizer).”

companheira, amorosa” (PA, p. 163), ao contrário das demais européias que vão, segundo o depoimento do cronista, conquistando o seu lugar. A mulher portuguesa não mudou, afirma, louvando a submissão feminina. Em sua visão superficial da cidade, ou movido por outras razões, de ordem afetiva e/ou ideológica, que contradizem Fialho e Eça, João do Rio afirma que “Portugal, salvo meia dúzia de artificiaes e de snobs, é um paiz que não conhece o ‘flirt’, e namora, namora docemente nas cidades, nas aldeias, nos campos.” (PA, p. 188)

Não lhe faltam observações sobre o intenso trabalho dos jornalistas, mal remunerados pelo serviço insano de investigar e de buscar a última notícia, seja de caráter político, social ou econômico, mas sem liberdade suficiente para freqüentar os salões da alta roda. Há jornalismo monarquista, como há o republicano. De um ou outro lado que estejam, o cronista não perde a oportunidade de louvar a dedicação desses que fazem a notícia, “cuja mão d’obra é baratissima”. (PA, p. 133-134)

Os acontecimentos apontam para uma crise que sacode o país, para a iminência de uma transformação que João do Rio não chegou a presenciar, mas, de seus contatos com o meio político, intelectual e jornalístico, pôde prever. “Tudo o mais agita-se”, afirma, embora restrinja a consciência da crise à Lisboa republicana (o Porto é monarquista), crise que, segundo o seu ponto de vista, resultado de uma leitura de primeira viagem, não atinge o interior, nem a aldeia, nem o campo. Para ele, o homem do campo não emigra. Para ele, a crise é uma surpresa: “Que foi isso? Então, Portugal, tão bom, tão calmo, o ‘jardim da Europa a beira-mar plantado’ assim rugindo, numa crise súbita?” Quanto ao Brasil, mesmo os homens de cultura desconhecem-no e aqueles que retornam “se narram, narram como os antigos viajantes, para fantasiar.” (PA, p. 245) De parte a parte, segundo as impressões do cronista, tem-se um idéia vaga e nublada e fantástica de um e outro país. A imagem que se tem do Brasil para “a última geração literária” é a de “um paiz para o qual são enviadas correspondências” (PA, p. 246), além de um mau lugar, é um país onde se morre (PA, p. 247). Para João do Rio era necessário estreitarem-se as relações entre as duas nações, numa alusão clara ao desprezo das autoridades portuguesas em relação a esse assunto, para ele de vital importância, e ao próprio Brasil, que alimentava, desde a Proclamação da República, notória animosidade contra os portugueses.

Poucos brasileiros, apesar do sucesso e do respeito da imprensa que os divulgava, tinham àquela época suas obras publicadas em Portugal. Por seu turno, os próprios escritores portugueses, entre eles e com destaque Fialho de Almeida, nutriam um profundo ressentimento e grande desilusão quanto à possibilidade de publicação e à ausência de um público leitor. Para os portugueses, o Brasil – pobres de nós! – é que lia. O que ressalta, entretanto, é

a preocupação de irmanar as duas literaturas, e sair em defesa da língua portuguesa, esquecida pelos que emigram para outros países, prejudicada pela onda de imigração de estrangeiros para o Brasil.

A crônica de João do Rio vai esbarrar na questão que pulsa, hoje mais do que em outro momento, talvez porque se trate dos quinhentos anos do Brasil, e isso exige uma reflexão mais aprofundada sobre esses séculos de existência. Afinal, já não somos tão jovens. É que, enquanto Fialho, o alvo da grande admiração de João do Rio, ao lado de Guerra Junqueiro, Camilo e Eça, desancava nos portugueses a sua vergasta, afirmando, no *Jornal Português*, e a propósito dos portugueses, as palavras desairosas que se lêem a seguir, João do Rio, o dândi carioca, fascinado pela terra terna e amável, olhava com um olhar menos estrangeiro que apaixonado, essas relações luso-brasileiras, nem tão simples, nem tão pacíficas, ao contrário do que sempre ensinou o mito. Leiamos Fialho:

...tipos de cão, de lobo, de raposa, de pintassilgo, de môcho, de carneiro, de boi, de gato-bravo; caras de ferocidade, de estupidez, de astúcia hílare, de doçura herbívora, cobiça irrequieta, concupiscência cervical, ironia simiesca, etc. (...) tudo isto recorda aos mesmos peritos em tentas antropométricas um homem mais cerca do antropóide de Darwin que do Penseur de Rodin e do canon das estátuas gregas...⁹

O tom hiperbólico e desrespeitoso desse ressentido, mas não desprovido de razão no que toca à necessidade urgente de mudança, contrasta com a descrição de João do Rio, mais afetiva que crítica: “de facto, em plena agitação encontrei o mesmo povo extraordinariamente bom e jovem, o mesmo povo sentimental e lírico” (*PA*, p. XII), o que, no entanto, não lhe impediu ver o atraso, o pouco empenho governamental para resolver as crises internas, nos ministérios que sobem e descem sem qualquer continuidade de ação.

Fialho acaba por encher de razões os antilusitanistas. João do Rio ameniza os termos, mas não se furta, mesmo em momento adverso, a defender, numa atitude admirável para um jornalista que faz crônica de viagem e afirma que não são mais que impressões, contrariando mesmo os que lhe apontam a superficialidade como traço característico. Hoje, dando os primeiros passos no

9 *Jornal Português*, n. 107, 23 abr. 1921. p. 1.

século XXI, debruçamo-nos sobre o mesmo tema – as relações luso-brasileiras, sinal de que a questão, reacendida pelos acontecimentos da década de 1990, sobretudo num momento em que Portugal, superando as invectivas de Fialho, entra na CEE, além de não estar encerrada, provoca – e esquentava – as discussões.

RESUMO

Entre conto, crônica e reportagem, esses dois escritores registraram com intensidade dramática, às vezes mórbida (no caso particular de Fialho), a paisagem finissecular portuguesa (particularmente a de Lisboa nos interessa). Da pintura “algo baudelairiana da cidade”, com seus vícios e decadência, de Fialho, ao esforço de Paulo Barreto – o João do Rio – para promover a aproximação cultural luso-brasileira, resultam páginas em que o ressentimento que se evidencia a partir de um “olhar de dentro” e o olhar fascinado do viajante se mesclam na palavra de *flanêur* e *dândi* que circulam pela cidade e dela fazem o registro crítico e tantas vezes apaixonado.

Palavras-chave: Fascínio, ressentimento, fim-de-século.

ABSTRACT

Caught between short story, chronicle and report, these two writers have registered with dramatic, sometimes morbid (particularly in Fialho’s case) intensity the end-of-the-century landscape in Portugal, and specifically in Lisbon, which interests us the most. From Fialho’s “somewhat Baudelairian” depiction of the city, with its vices and decadence, to Paulo Barreto (João do Rio) and his effort in promoting cultural proximity between Portugal and Brazil, there results pages in which the resentment evident in an “insider’s look” and the fascinated view of the outsider mingle in the words of the *flanêur* and the *dândi* that roam about the city and make a critical, sometimes passionate register of it.

Key-words: Fascination, resentment, end-of-the-century.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. de. *Lisboa galante*. 2. ed. Porto: Chardron, 1903. (Abreviatura utilizada nas citações: *LG*.)

_____. *A cidade do vício*. 6. ed. Lisboa: Clássica, 1922. (Abreviatura utilizada: *CV*.)

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1986. v. 1-3.

LOURENÇO, E. Dois fins de século. In: ENCONTRO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA, 13., 1922, Rio de Janeiro. *Atas...* Rio de Janeiro: UFRJ/Fundação Calouste Gulbenkian/FUJB/Fundação Brasil-Portugal, 1922. p. 32-40.

OLIVEIRA, F. M. *Fialho de Almeida: grotesco, crítica e representação*. Disponível em: <<http://www.ciberkiosk.pt/ensaios/foliveira.html>> Acesso em: 21 jun. 2002. 16 p.

RIO, J. do. *Portugal d'agora*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. 313 p. (Abreviatura utilizada: *PA*).

_____. *Vida vertiginosa*. Rio de Janeiro: Garnier, 1911. (Abreviatura utilizada: *VV*.)

_____. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p. 9-27.